hernandesdiaslopes.com.br

A oração que move o céu – Palavra da Verdade

Pr. Hernandes

11-14 minutos

Referência: Daniel 9.20-27

INTRODUÇÃO

1. No capítulo 9, Daniel fez uma grande descoberta ao examinar Jeremias 29:10-14. Ele descobriu que o cativeiro babilônico tinha a duração de 70 anos.
2. Também no capítulo 9, Daniel fez uma grande oração, onde adorou a Deus, fez confissão do seu pecado e dos pecados do povo e pediu a Deus a restauração da sua cidade.
3. Finalmente, no capítulo 9, Daniel recebeu uma grande revelação, acerca das setenta semanas que haveriam de vir sobre o seu povo.
4. Vamos examinar o texto de Daniel

9:20-17 e ver alguns aspectos importantes da oração que move o céu.

I. É UMA ORAÇÃO RESPONDIDA PRONTAMENTE PELO CÉU – v. 20-23

1. A resposta foi pronta e imediata – v. 20-21

• Daniel pediu urgência na resposta à sua oração (9:19). As orações da Bíblia são feitas com esse senso de urgência: "Senhor, desce depressa antes que o meu filho morra".

• Somos informados que enquanto Daniel orava, a resposta chegou (Dn 9:20-21). Esta é a promessa de Deus: "E será que antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei" (Is 65:24).

• Muitas vezes Deus responde nossas orações imediatamente, enquanto oramos. Foi assim com o servo de Abraão, Eleazar (Gn 24:12,15).

• Gabriel informou a Daniel que logo que ele começou a orar, Deus já despachou o seu pedido.

2. A resposta foi através de um anjo – v. 21

• o anjo Gabriel é o mensageiro de Deus (Dn 8:16; 9:21; Lc 1:19,26). Gabriel é o anjo que assiste diante de Deus e é o mensageiro de Deus. Os anjos são espíritos ministradores em favor dos salvos (Hb 1:14). Eles confortaram a Jesus no deserto e no Getsêmani (Mt 4:11; Lc 23:43). Ezequias orou e um anjo derrotou os exércitos da Assíria. Cornélio orou e um anjo o orientou a enviar um mensageiro a Pedro. A igreja de Jerusalém orou e um anjo foi enviado à prisão para libertar Pedro (At 12). Eliseu orou para que Deus abrisse os olhos do seu moço a fim de pudesse a hoste de anjos que estavam acampados ao seu redor (2 Rs 6:17).

3. A resposta transcendeu o pedido – v. 20

• Daniel pediu pela cidade e Deus respondeu revelando sobre o próprio Messias que haveria de vir, trazendo gloriosos benefícios (Dn 9:24,25). Deus dá mais do que pedimos. Ele pode fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos.

• Daniel orava apenas pela restauração da cidade de Jerusalém (Dn 9:20). Mas a

resposta de Deus a ele tratou de coisas mais profundas: não apenas a restauração física da cidade, mas a salvação eterna do seu povo.

II. É UMA ORAÇÃO FEITA POR ALGUÉM AMADO NO CÉU – v. 23

1. Daniel era amado no céu, por isso, foi ouvido rapidamente – v. 23

• A resposta é dada de pronto porque Daniel é um homem muito amado (v. 23). Sabemos que Deus responde suas orações por causa das suas muitas misericórdias e não por causa dos nossos méritos (9:18).
• Entretanto, a Bíblia diz que a oração do ímpio é abominação para Deus, mas a oração do justo o seu deleite. O altar está ligado ao trono. Se há iniquidade no coração, Deus não nos ouve (Sl 66:18).
• Daniel era amado no céu e na terra, por isso sua oração foi prontamente ouvida. Sua piedade moveu rapidamente o céu. A graça de Deus nos torna amados no céu.

2. Daniel era amado no céu, porque viveu piedosamente desde sua juventude – Dn 1:8

• Daniel resolveu firmemente não se contaminar desde jovem. Ele enfrentou os perigos e desafios da vida, mantendo-se íntegro ao seu Deus. Ele andou com Deus como jovem escravo e também como homem idoso. Na pobreza e na riqueza. Na humilhação e na promoção.

3. Daniel era amado no céu, porque tinha intimidade com Deus

• Daniel era um homem de oração. Ele orou sistematicamente. Orou nas horas de dificuldades. Orou quando estava ameaçado de morte. Orou confessando os pecados do seu povo e pedindo livramento para o seu povo. Ele tinha vida de intimidade com Deus.
• Aqueles que prevalecem na oração, são aqueles que têm intimidade com Deus.

III. É UMA ORAÇÃO QUE RECEBE UMA GRANDE REVELAÇÃO DO CÉU – v. 24-27

1. Revelação sobre a Pessoa do Messias prometido – v. 25

a) O Ungido (v. 25) – A Palavra ungido é a mesma palavra Messias. Jesus é o ungido

de Deus. Ele é o Profeta, Sacerdote e Rei, o cumprimento da Lei e dos Profetas.
b) O Príncipe (v. 25) – Jesus é o Rei dos judeus, o Príncipe da Paz, o Rei dos reis, o Rei da glória, o Salvador do mundo. Seu nascimento foi prometido no Éden (Gn 3:15), a Abraão (Gn 12:3), através de Jacó (Gn 49:10), através de Moisés (Dt 18:15). Ele é o Filho de Davi, O Deus forte apontado por Isaías, que nasceria em Belém, conforme descrito por Miquéias.

2. Revelação sobre a Obra do Messias – v. 24

a) Trazer solução definitiva para o problema do pecado – "fazer cessar a transgressão, dar fim aos pecados e expiar a iniquidade" revelam uma coisa só. A morte de Cristo na cruz em nosso lugar, em nosso favor, nos justifica diante de Deus. Somos reconciliados com Deus e declarados justos diante dele. Agora temos perdão de pecados. Agora o sacrifício de Cristo satisfez plenamente a justiça divina.
b) Trazer justiça eterna para o povo de Deus – O evangelho traz mais do que

perdão de pecados, ele nos deixa limpos e aceitáveis diante de Deus. Temos aqui a justiça imputada e a justiça implantada.
c) Trazer o cumprimento da profecia – No nascimento, vida, morte, ressurreição, governo, e segunda vinda de Cristo as visões e as profecias se cumprem. Tudo o que os profetas apontaram, cumpre-se nele. Cristo é o fim da lei.
d) Trazer o sacerdócio universal dos crentes – Agora todos temos acesso à presença de Deus. O santo dos santos é ungido e o véu do templo rasgado e todos os crentes tornam-se sacerdotes reais. Nós somos o santo dos santos onde Deus habita. Somos o santuário de Deus, ungido por Deus, para o serviço de Deus.

3. Revelação sobre a Rejeição do Messias – v. 26

a) O Messias será morto (v. 26) – O Messias veio para morrer. Ele é o Messias sofredor, antes de ser o Messias vencedor. Ele é o mais rejeitado entre os homens. Ele é homem de dores. Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas

nossas iniquidades. Ele morreu pelos nossos pecados. Ele foi rejeitado pelos homens, desamparado pelo céu. Ele se fez pecado por nós, maldição por nós. Ele bebeu o cálice da ira de Deus por nós.
b) A cidade de Jerusalém será destruída (v. 26) – Jesus chorou sobre a cidade de Jerusalém, porque ela não conheceu o tempo da sua visitação (Lc 19:41-44). Tito Vespasiano cercou a cidade, destruiu o templo e dispersou o povo. Tudo isso, porque o povo rejeitou o Messias. Mais graves consequências terão aqueles que hoje ainda rejeitam o Messias, eles serão banidos para sempre da face do Senhor. Quantas desolações o povo judeu sofreu durante a história por ter rejeitado o Messias. A rejeição trouxe e traz consequências muito amargas no tempo e na eternidade.

4. Revelação sobre o Triunfo do Messias – v. 27

a) A confirmação do pacto (v. 27) – Jesus selou essa aliança eterna com o seu sangue: “Porque isto é o meu sangue, o

sangue da nova aliança, derramado em favor de mujitos, para remissão de pecados” (Mt 26:28).
b) O fim dos sacrifícios cerimoniais (v. 27) – Jesus é o fim da lei. Os sacrifícios levíticos eram sombras do sacrifício perfeito e cabal de Cristo na cruz. Ele foi sacrificado uma vez por todas (Hb 7:27). Agora não há mais necessidade dos rituais e oblações do Velho Testamento. Tudo isso consumou-se no evangelho.
c) A derrota final do anticristo (v. 27) – Esse verso revela as terríveis consequências do abuso dos privilégios. Os judeus receberam a lei, os profetas, o pacto, o Messias e rejeitram todos esses privilégios. Esse mesmo povo bem como todos aqueles que rejeitam os privilégios da graça, sofreram e sofrerão as consequências dessa rejeição. Os que rejeitam o Messias, receberão o anticristo. O livro de Daniel já fez referência ao anticristo escatológico (Dn 7:25) e ao anticristo protótipo (Dn 8:9). Agora, Daniel fala do anticristo como o assolador e também profetiza sua destruição. Paulo diz

que o anticristo, o homem da iniquidade será morto pela manifestação da vinda de Cristo (2 Ts 2:8).

5. Revelação sobre o Tempo do Messias, as 70 semanas – v. 24-27

a) A divisão das setenta semanas – (v. 25-26) – Gabriel fala a Daniel que setenta semanas estão determinadas sobre o seu povo (v. 24). As setenta semanas são divididas em três períodos de sete: 1) O primeiro período de sete "setes"; 2) O segundo período de sesssenta e dois "setes"; 3) A septuagésima semana. Assim temos 7 + 62 + 1 = 70. As 7 semanas de anos falam da saída à reconstrução de Jerusalém. As 62 semanas falam da reconstrução de Jerusalém a Jesus. A 70 semana acontece no tempo da morte do Messsias.

b) O início das setenta semanas (v. 25) – O marco para o início do primeiro período é a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém". Flávio Josefo diz que quando o rei Ciro leu a profecia de Isaías a

seu respeito (Is 44:28; 45:13), ele mandou o templo que os babilônios haviam destruído. Porém a ordem para reconstruir a cidade se deu em 445 no reinado de Artaxerxes (Ne 2:5-8).

c) A Septuagésima semana – 1) O primeiro período – 445-7 anos = 396 (da ordem à restauração de Jerusalém). Essa reconstrução foi angustiosa, conforme relato de Neemias. 2) O segundo período – 396-434 = 38. O ano do nascimento de Cristo foi estabelecido por meio de cálculos só em 525 d.C., pelo abade Dionísio Exíguo, e passou a valer como o ano 1 da era cristã. Estabeleceram-se então os conceitos “antes de Cristo” (a.C.) e “depois de Cristo” (d.C.) na contagem dos anos. A partir do século XVII, com os recursos da astronomia, novos cálculos foram feitos, e chegou-se à conclusão de que Dionísio havia se enganado por 4 a 7 anos. Assim, a rigor, o nascimento de Cristo deu-se por volta do ano 4 a.C. Desta forma chegamos ao ministério de Cristo no período de 31 a 34 d.C. Isso está de acordo com o relato bíblico que nos informa que

Cristo iniciou o seu ministério aos 30 anos (Lc 3:23). 3) O terceiro período – A septuagésima semana –

1) Os pré-milenistas – entendem que esta septuagésima semana é um lapso de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, o intervalo da igreja, o tempo dos gentios. Portanto, a septuagésima semana é uma lacuna profética. Os pré-milenistas crêem que a septuagésima semana foi adiada para o fim do mundo. Isso é obviamente impossível. Gabriel indica claramente que o Messias seria morto durante aquela semana. Se a septuagésima semna foi adiada, isto significa que o Salvador ainda não morreu por nós e que ainda estamos em nossos pecados. Os pré-milenistas acreditam que o príncipe que destruirá a cidade não é Tito, mas o anticristo. Crêem também que o "ele" do v. 27 é o anticristo e não Cristo. Os pré-milenistas crêem que o templo de Jerusalém será novamente reconstruído e haverá a volta dos sacrifícios no período da grande tribulação.
2) Os amilenistas – entendem que Cristo

morreu não na sexagésima nona semana, mas depois dela, ou seja, na septuagésima semana. Não cremos no chamado lacuna profética. Não cremos que a igreja é apenas um parêntesis da história. Não cremos que o tempo dos gentios (Rm 11:25; Lc 21:24), faça uma distinção entre Israel e igreja. Cristo morreu na septuagésima semana, fazendo a expiação dos nossos pecados (Dn 9:26; Is 53:8). O amilenismo crê que a septuagésima semana está ligada à primeira vinda e não à segunda vinda, visto que fala da morte do Ungido. Porém, no v. 27b, vemos que a septuagésima semana estende-se a todo o período da dispensação da graça, visto que vai da morte do Ungido até o aparecimento do assolador, o anticrito.

CONCLUSÃO

1. A estreita conexação entre o altar e o trono – Pela oração ligamos a terra ao céu e trazemos o céu à terra;
2. A estreita conexação entre a oração e o entendimento da Palavra;
3. A estreita conexão entre a vida daquele

que ora e o êxito na oração;
4. A estreita conexão entre o binômio oração/palavra e o discernimento dos propósitos de Deus na história.

Rev. Hernandes Dias Lopes